



**A Idade Média e o romance académico inglês: relendo
Lucky Jim (1954), de Kingsley Amis (1922-1995)**

**The Middle Ages and the English academic novel: re-reading *Lucky
Jim* (1954), by Kingsley Amis (1922-1995)**

Miguel Alarcão

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies
1069-061 Lisboa, Portugal

miguel.alarcao@fcsh.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0002-0831-1941>

Data recepção do artigo / Received for publication: 14 de Julho de 2024

DOI: <https://doi.org/10.4000/134bi>



Ao Professor Doutor Luís Krus (1954-2005),
vinte anos depois

Apesar do florescimento, nas últimas décadas, de romances históricos, designadamente de temática ou inspiração medieval, bem como da existência de diversos estudos críticos dedicados ao romance académico inglês, pouco se tem investigado, reflectido e escrito sobre a(s) representação(ões) específica(s) da Idade Média neste subgénero narrativo, cujo surgimento além-Mancha poderemos situar aproximadamente em meados do século passado. Esta realidade parece-nos um tanto intrigante, sobretudo se tivermos em consideração factores e circunstâncias como aqueles que, de forma tentativa, passamos a evocar.

Embora, tanto quanto julgamos saber, nenhum dos principais escritores britânicos de romances académicos - Kingsley Amis (1922-1995), Tom Sharpe (1928-2013), Malcolm Bradbury (1932-2000), David Lodge (1935-), etc. - tenham sido simultaneamente docentes universitários e medievalistas, a universidade, enquanto instituição e conceito, é ela própria uma criação da Idade Média, constituindo-se, portanto e à partida, como um tema eminentemente elegível para ficcion(aliz)ação, para já não falar da senioridade dos exemplos clássicos de Oxford (séc. XII) e Cambridge (séc. XIII).

Em segundo lugar, é possível argumentar que, pelo menos nas Humanidades (incluindo o Direito), o actual ensino superior conserva tradições e práticas que remontam a paradigmas escolásticos medievais e ao *trivium*, incluindo, ainda que ideal e saudavelmente críticos, sentimentos de reverência face às ‘autoridades’, patentes na selecção criteriosa das fontes, bem como o gosto compendial por sínteses ou ‘sumas’, documentado através da proliferação de “breves histórias” e das propensões ou tentações ‘wikipédicas’ dos alunos de licenciatura...

Finalmente, certos aspectos e ritos processuais e formais da carreira académica podem, de algum modo, ser equiparados às ‘suseranias’, ‘vassalagens’ e ‘dependências’ da pirâmide social feudal, para já não falar de vetustos trajes, cerimoniais e entronizações potencialmente caricaturáveis. As próprias opções estético-arquitectónicas neomedievais ou neogóticas no que toca à construção de edifícios universitários (entre outros, como judiciais, parlamentares, camarários, prisionais, museológicos, hoteleiros, etc.), nomeadamente em países cuja fundação é já bem posterior ao período medieval, como os Estados Unidos da América, carecem de estudos mais aprofundados sobre a produção, circulação e difusão de imaginários e referentes simbólicos medievalistas. De todo o modo, haverá sempre que distinguir, por um lado, entre o mediev(al)ismo enquanto área científica pluridisciplinar, intelectualmente trabalhada de forma rigorosa, crítica e especializada por professores, investigadores, estudiosos e/ou académicos, e, por outro, os revivalismos, as recuperações e as recriações neomedievais contemporâneas para fins de projecção turística e divulgação lúdico-cultural.

Dados a natureza, o âmbito e os propósitos da presente Revista, não iremos pronunciar-nos aqui sobre as definições e caracterizações narratológicas de *college novel*, *university novel*, *campus novel* ou *academic novel*, debatidas, entre outros, por Merritt Moseley¹, para quem, aliás, “[...] the multifariousness of the genre - its vigorous resistance to being summed up in any number of categories - is another tribute to its fertility and brilliance”². Limitar-nos-emos a citar Maria Filipa Palma dos Reis, cuja dissertação de doutoramento constitui ainda o principal estudo realizado entre nós sobre este subgénero:

Em alguns casos estes termos são usados indiferentemente, noutros têm-lhes sido atribuídas variações mais ou menos subtis de significado. De todo em todo, os quatro termos, de maneira cumulativa, englobam esse conjunto de obras, que

¹ MOSELEY, Merritt – “Introductory: Definitions and Justifications”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel. New and Classics Essays*. Chester: Chester Academic Press, 2007, pp. 3-19, e MOSELEY, Merritt – “Types of Academic Fiction”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel*, pp. 99-113.

² MOSELEY, Merritt – “Types”, p. 113.

forma um subgénero recente, para o qual ainda não há uma tipologia completamente definida.³

Segundo a mesma autora, *Lucky Jim* (1954) constitui a “(...) a referência obrigatória que marca o princípio do romance académico moderno”⁴, ponto de vista consensualmente subscrito por historiadores, ensaístas e críticos literários. Ora 1954 foi também o ano de nascimento de Luís Krus, que, pelo seu desprendimento de convenções e autoimagens formais, evocado, entre outros, por António Manuel Hespanha⁵, assim como pela sua contagiante capacidade de (sor)rir, mesmo perante as adversidades e agruras, maiores ou menores, da vida universitária e pessoal, poderia figurar num romance académico... Razões de sobra para que, passados vinte anos sobre o desaparecimento físico do nosso Colega e Amigo, revisitemos aqui o texto de Amis, deixando de lado, por razões operativas, as demais obras assinadas pelo autor, bem como quaisquer considerações globais sobre a sua importância na/para a renovação da ficção britânica do pós-guerra⁶.

Em *Faculty Towers. The Academic Novel and Its Discontents*, Elaine Showalter distribui o *corpus* em apreço por décadas e capítulos, dos anos 50 (“Ivory Towers”) ao início do século actual (“Into the Twenty-First Century: Tragic Towers”). Tal como Maria Filipa Palma dos Reis, Showalter acentua o carácter fundador e seminal de *Lucky Jim*⁷, relacionando o autor e a personagem com o movimento praticamente

³ REIS, Maria Filipa Palma dos – *A Universidade nos Finais do Século XX. Autovisões e Altervisões da Universidade. O romance académico como documento cultural*. Lisboa: Universitária Editora, 2001, p. 21.

⁴ REIS, Maria Filipa Palma dos – *A Universidade nos Finais do Século XX*, pp. 56-57.

⁵ “Tu, Luís, se me ouvires e onde me ouvires, [...] foste um exemplo de sabedoria, de coragem e de mansidão [...] mantém-te vivo na nossa memória e, nestes anos [...] em que o bom juízo, a esperança, a calma e a paciência tanto nos abandona, empresta-nos o teu sorriso maroto e doce, o teu jeito desimportado – de que o traço mais constante eram os sapatos sempre desatilhados –, a tua capacidade de ouvir e o teu espírito de serviço, o teu sentido simples e discreto de justiça.” (HESPANHA, António Manuel – “Bem aventurados os mansos”. *História*, ano XXVI (III Série), nº 78 (Julho/Agosto 2005), p. 82).

⁶ Alan Massie, por exemplo, considera que “[...] his best novels are faithful to one of the central traditions of the English novel: social comedy.” (MASSIE, Alan – *The Novel Today. A Critical Guide to the British Novel, 1970-1989*. London and New York: Longman Group Ltd., 1990, p. 16), apresentando Amis como “[...] the foremost example in our time of the English tradition of comic realism.” (MASSIE, Alan – *The Novel Today*, p. 17)

⁷ “[...] Amis’s *Lucky Jim* is the source of most of the academic novels that followed, the real origin of the genre, for Jim Dixon is the author’s vehicle for an attack on a dying tradition and a suffocating institution.” (SHOWALTER, Elaine – *Faculty Towers. The Academic Novel and Its Discontents*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005, p. 33)

coetâneo dos *Angry Young Men* e as mensagens e imagens de juventude, inconformismo e rebeldia, mas também de indignação e desencanto, associados à sua produção narrativa, teatral e poética. Dominic Head, no entanto, favorece a associação preferencial de Amis com uma corrente ou tendência literária ligeiramente anterior, conhecida como *the Movement*:

[...] discussion of the Movement is sometimes complicated by its overlap with the (only slightly later) School of Angry Young Men [...] Kingsley Amis's *Lucky Jim* (1954) is sometimes seen to have heralded the impending arrival of the 'Angry' generation, associated with Osborne's play *Look Back in Anger* (1956). It may be more appropriate, however, to read *Lucky Jim* as embodying the sensibility of the Movement primarily, since its 'anger' is of a distinctly different hue to that of Osborne or Sillitoe⁸.

Independentemente deste ponto, ocorrem-nos aqui as palavras de Ralph Caplan: "Instead of being blinded by rage, Amis' characters are able to see clearly by its light. Anger is an instrument of revelation. And of self-revelation"⁹.

Como escreve Showalter, "The book portrays professors as stuffy, ridiculous phoney, whose confidence is complacency and whose self-importance is matched only by their insignificance"¹⁰; também para Adam Begley, "Campus is the province of the pretentious, the dangerously dull and self-absorbed, the militantly complacent, and the resolutely hypocritical"¹¹. É neste idiosincrático contexto acadêmico que se move Jim Dixon, o jovem protagonista, docente de História e Cultura Medieval numa universidade de província até se mudar para Londres, no final do romance, para secretariar Julius, o tio da namorada, Christine Callaghan.

Num diálogo com um colega, Alfred Beesley, Jim Dixon revela as razões subjacentes à opção medievalista:

⁸ HEAD, Dominic – *The Cambridge Introduction to Modern British Fiction, 1950-2000*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 50.

⁹ CAPLAN, Ralph – "Kingsley Amis". In SHAPIRO, Charles (ed.) – *Contemporary British Novelists*. Toronto/London/Sydney: Forum House Publishing Company, 1969, p. 9.

¹⁰ SHOWALTER, Elaine – *Faculty Towers*, pp. 14-15.

¹¹ BEGLEY, ADAM – "The Decline of the Campus Novel". In MOSELEY, Merritt (ed.) - *The Academic Novel*, p. 150.

[...] the reason why I'm a medievalist [...] is that the medieval papers were a soft option in the Leicester course, so I specialized in them. Then when I applied for the job here, I naturally made a big point of that, because it looked better to seem interested in something specific. It's why I got the job instead of that clever boy from Oxford who mucked himself up at the interview by chewing the fat about modern theories of interpretation. But I never guessed I'd be landed with all the medieval stuff and nothing but medieval stuff. [...]

'Haven't you noticed how we all specialize in what we hate most?'¹²

O seu projecto de artigo, intitulado "The Economic Influence of the Developments in Shipbuilding Techniques, 1450 to 1485", é assim descrito pelo narrador:

It was a perfect title, in that it crystallized the article's niggling mindlessness, its funereal parade of yawn-enforcing facts, the pseudo-light it threw upon non-problems. Dixon had read, or begun to read, dozens like it, but his own seemed worse than most in its air of being convinced of his own usefulness and significance.¹³

Mais uma vez, a orientação medievalista desta publicação far-nos-á colocar de parte algumas subcomponentes do enredo, como a relação tensa de Jim com o Professor Welch¹⁴, pese embora - ou talvez por isso mesmo... - a sua subordinação e dependência administrativas¹⁵; a esposa de Welch (Celia) e Bertrand, o filho de ambos; a ligação com a neurótica colega Margaret Peel e, finalmente, o envolvimento amoroso com Christine, ex-namorada de Bertrand Welch. Em contrapartida,

¹² AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1988, pp. 33-34.

¹³ AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 14. Conforme nos é revelado na p. 229, este artigo acabará publicado numa revista especializada italiana, mas sob outra autoria.

¹⁴ Embora Welch faça questão de ser sempre tratado por Professor, o narrador interroga-se, dando voz aos pensamentos de Jim: "How had he become Professor of History, even at a place like this? By published work? No. By extra good teaching. No in italics. Then how?" (AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 8).

¹⁵ "He [Jim] was tired of being blackmailed, by the hope of improving his chances, into grubbing about in the public library for material that 'might come in handy' for Welch's book on local history, into 'just glancing through' (*i.e.* correcting) the proofs of a long article Welch was having printed in a local journal of antiquities, into holding himself in readiness to attend a folk-dancing conference [...], into agreeing to lecture in Merrie England – especially that." (AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 82) A instrumentalização de Dixon pelo Professor Welch, no que concerne a pesquisas bibliográficas, fica bem patente nas páginas 171-174.

centrar-nos-emos naquele que é universalmente considerado o episódio climático do romance¹⁶: a conferência de Dixon sobre a “Merrie England”, tópico transversal a diferentes áreas das artes e ciências sociais e humanas desde o período Tudor, mas cuja desconstrução ideológica e cultural, removendo tanto quanto (e até onde...) possível a patine do mito, permanece por fazer.

Como nota Dominic Head, “Jim Dixon [...] is ill suited to academia, but operates as an outsider wreaking comic havoc from within institutional life”¹⁷. Em *Lucky Jim*, o estado de embriaguez do palestrante, após a ingestão de vários *whiskies e sherries*, ainda por cima a contagem com um olho negro, na sequência da luta com Bertrand, e, finalmente, a ridicularização do estilo discursivo do Professor Welch, entre outras autoridades acadêmicas, farão com que Jim acabe despedido da universidade, rumando a Londres, com Christine, no final do romance, para um novo começo de vida.

No sentido de ilustrar o estilo de Kingsley Amis, transcrevemos algumas passagens do hilariante capítulo 22:

Before he could look further, Dixon’s vague recurrent feeling of illness identified itself as a feeling of faintness; a wave of heat spread from [...] his back and seemed to become established in his scalp. On the point of groaning involuntarily, he tried to will himself into feeling all right; only the nervousness, he told himself. And the drink, of course.

When Welch said ‘... Mr Dixon’ and sat down, Dixon stood up. His knees began shaking violently, as if in [...] stage-fright. [...] With some difficulty, he took up his stand at the lectern, ran his eye over his first sentence, and raised his head. The applause died away slightly, enough for sounds of laughter to be heard [...]. The part of the audience in the gallery had had its first clear view of Dixon’s black eye.¹⁸

Com o desenrolar da conferência, a prestação de Dixon agravar-se-á sobremaneira:

¹⁶ SALWAK, Dale – “Academic Life in *Lucky Jim* and *Jake’s Thing*”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel*, pp. 221-222.

¹⁷ HEAD, Dominic – *The Cambridge Introduction to Modern British Fiction*, p. 87.

¹⁸ AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 222.

[...] he began to trip up on one or two phrases, to hesitate, and to repeat words, even to lose his place once so that a ten-second pause supervened. The mounting murmur from the gallery indicated that these effects were not passing unappreciated. Sweating and flushing, he struggled on [...], hearing Welch's intonation clinging tightly round his voice, [...]. A surge of drunkenness across his brain informed him of the arrival there of the advance-guard of [...] whisky – or was it only that last sherry?¹⁹

Flustered, Dixon stopped talking again; then [...] went on [...] in a blurred, halting mumble that suggested the extremity of drunkenness. Shifting nervously on his feet, he half-tripped against the base of the lectern and swayed perilously forward.²⁰

Quanto ao desfecho, acreditamos que ele será já, de alguma forma, previsível:

'What, finally, is the practical application of all this?' Dixon said in his normal voice. He felt he was in the grip of some vertigo, hearing himself talking without consciously willing any words. 'Listen and I'll tell you. The point about Merrie England is that it was [...] the most un-Merrie period in our history. It's only the home-made pottery crowd, the organic husbandry crowd, the recorder-playing crowd, the Esperanto...' He paused and swayed; the heat, the drink, the nervousness, the guilt at last joined forces in him. His head seemed to be swelling and growing lighter at the same time; his body felt as if it were being ground out into its constituent granules; his ears hummed and the sides, top, and bottom of his vision were becoming invaded by a smoky, greasy darkness. Chairs scraped at either side [...]; a hand caught at his shoulder and made him stumble. With Welch's arm round his shoulders he sank to his knees, half-hearing the Principal's voice saying above a tumult: '... from finishing his lecture through sudden indisposition. I'm sure you'll all...'

I've done it now, he managed to think. [...] He drew air into his lungs; if he could push it out again he'd be all right, but he couldn't, and everything faded out in a great roar of wordless voices.²¹

¹⁹ AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 223.

²⁰ AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 224.

²¹ AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*, p. 227.

As possíveis abordagens e leituras medievalistas de romances acadêmicos britânicos não se esgotam, naturalmente, em *Lucky Jim*. Para dar um exemplo, seria talvez possível, *mutatis mutandis*, confrontar o recurso ao cômico, ao burlesco, à paródia, à ironia e/ou à sátira no romance acadêmico com tradições e manifestações medievais (literárias, teatrais, artísticas, escultóricas, etc.) de chocarreiro “escárnio e maldizer”.

Paralelamente, tem-se várias vezes apontado a influência de temas, motivos, tropos, modelos, convenções e episódios da(s) narrativa(s) medieval(is), além da caracterização e do nome de algumas personagens, como Persse McGarrigle e Fulvia Morgana, em *Small World* (1984), de David Lodge, obra cujo subtítulo é - sublinhe-se - *An Academic Romance*. Um ensaio de Doreen Bärwolf intitula-se precisamente *Elements of the Holy Grail Quest in David Lodge's "Small World"*²² e, na verdade, não só o tema da demanda, profissional ou pessoal, e o mito de Perceval são estruturantes em *Small World* como o início do Prólogo de Lodge revela uma fortíssima - e assumida - relação intertextual com a abertura do Prólogo Geral de *The Canterbury Tales*, de Chaucer (c.1342-1400):

When April with its sweet showers has pierced the drought of March to the root, and bathed every vein of earth with that liquid by whose power the flowers are engendered; when the zephyr, too, with its dulcet breath, has breathed life into the tender new shoots in every copse and on every heath, and the young sun has run half his course in the sign of the Ram, and the little birds that sleep all night with their eyes open give song (so nature prompts them in their hearts), then, as the poet Geoffrey Chaucer observed many years ago, folk long to go on pilgrimages. Only, these days, professional people call them conferences.²³

²² BÄRWOLF, Doreen – *Elements of the Holy Grail Quest in David Lodge's "Small World"*. Norderstedt, Germany: GRIN Verlag, 2008.

²³ LODGE, David – *Small World. An Academic Romance*. New York: Warner Bools Inc., 1984, s.p.

Mais importante do que sublinhar a analogia, semelhante às traçadas por Umberto Eco²⁴ ou Délia S. Guzmán e M. Dolores Figares²⁵, ficam estes desafios, para possíveis dissertações, projectos e ensaios (ou romances...) académicos.

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes impressas

AMIS, Kingsley – *Lucky Jim*. Harmondsworth: Penguin Books Ltd., 1988 (Gollancz, 1954).

Estudos

BÄRWOLF, Doreen – *Elements of the Holy Grail Quest in David Lodge's "Small World"*. Seminar paper. Norderstedt, Germany: GRIN Verlag, 2008.

BEGLEY, Adam – “The Decline of the Campus Novel”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel: New and Classic Essays*. Chester: Chester Academic Press, 2007, pp. 141-153.

CAPLAN, Ralph – “Kingsley Amis”. In SHAPIRO, Charles (ed.) – *Contemporary British Novelists*. Toronto/London/Sydney: Forum House Publishing Company, 1969, pp. 3-15.

CARTER, Ian – *Ancient Cultures of Conceit. British university fiction in the post-war years*. London and New York: Routledge, 1990.

ECO, Umberto - “A Nova Idade Média”. In *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa: DIFEL – Difusão Editorial, Lds., 1986, pp. 57-75 (Milano: Grupo Editoriale Fabbri-Bompiani, 1977-1983).

GUZMÁN, Délia S; FIGARES, M. Dolores – *Vem aí uma nova Idade Média?* Porto: Edições Nova Acrópole, “Acrópole mini-bolso”, 2, 1996.

²⁴ ECO, Umberto – “A Nova Idade Média”. In *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa: DIFEL – Difusão Editorial, Lds., 1986, pp. 57-75 (Milano: Grupo Editoriale Fabbri-Bompiani, 1977-1983).

²⁵ Transcrevemos um exemplo desta obra, por menos conhecida: “Na [...] Idade Média encontramos um ambiente de muitas discussões, de tremendas disputas escolásticas por meros detalhes semânticos, grupos religiosos divididos, correntes em pugna por pequenas definições dogmáticas, por pequenos apêndices a certas frases evangélicas... Na nossa época existe um excesso de formalismo intelectual: um pequeno matiz numa pequena parte de um pequeno tratado de um pequeno ramo da ciência é motivo de profundas discussões só compreendidas por uns poucos e que passam à margem do resto da sociedade, mas que apaixonam e produzem grandes polémicas entre os intelectuais.” (GUZMÁN, Délia S; FIGARES, M. Dolores – *Vem aí uma nova Idade Média?* Porto: Edições Nova Acrópole, “Acrópole mini-bolso”, 2, 1996, pp. 29-30).

HEAD, Dominic – *The Cambridge Introduction to Modern British Fiction, 1950-2000*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HESPANHA, António Manuel – “Bem aventurados os mansos”. *História*, ano XXVI (III Série), nº 78 (Julho/Agosto 2005), p. 82.

LODGE, David – *Small World. An Academic Romance*. New York: Warner Books Inc., 1984.

MASSIE, Alan – *The Novel Today. A Critical Guide to the British Novel, 1970-1989*. London and New York: Longman Group Ltd., 1990.

MOSELEY, Merritt – “Introductory: Definitions and Justifications”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel. New and Classics Essays*. Chester: Chester Academic Press, 2007, pp. 3-19.

MOSELEY, Merritt – “Types of Academic Fiction”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel. New and Classics Essays*. Chester: Chester Academic Press, 2007, pp. 99-113.

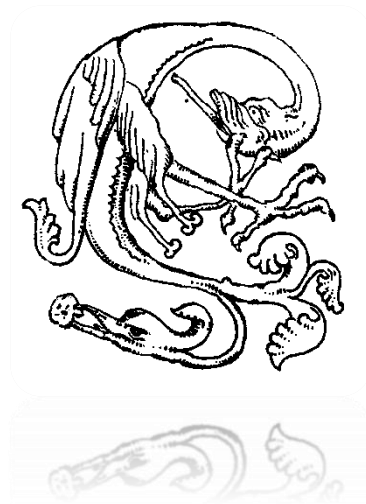
REIS, Maria Filipa Palma dos – *A Universidade nos Finais do Século XX. Autovisões e Altervisões da Universidade. O romance académico como documento cultural*. Lisboa: Universitária Editora, 2001.

SALWAK, Dale – “Academic Life in *Lucky Jim* and *Jake's Thing*”. In MOSELEY, Merritt (ed.) – *The Academic Novel: New and Classic Essays*. Chester: Chester Academic Press, 2007, pp. 208-229.

SHOWALTER, Elaine – *Faculty Towers. The Academic Novel and Its Discontents*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

ALARCÃO, Miguel – “A Idade Média e o romance académico inglês: relendo *Lucky Jim* (1954), de Kingsley Amis (1922-1995)”. *Medievalista* 37 (Janeiro – Junho 2025), pp. 503-514. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).